

CULTURA URBANA:  
PORTA PARA O EVANGELHO

A CONVERSÃO PASTORAL  
COMO CHAVE PARA A  
EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES

## Colecção **COMUNIDADE E MISSÃO**

---

- *Acompanhamento de vocações homossexuais*, José Lisboa Moreira de Oliveira
- *Ano santo da misericórdia*, Cláudio Hummes
- *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*, João Décio Passos
- *Cultura urbana: porta para o Evangelho. A conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, Leomar Antônio Brustolin, Leandro Luis Bedin Fontana (orgs.)
- *Diaconia da palavra: o ministério e a missão do diácono permanente*, Julio Cesar Bendinelli
- *Diálogo das religiões (O)*, Andrés Torres Queiruga
- *Diálogos noturnos em Jerusalém: sobre o risco da fé*, Carlo Maria Martini; Georg Porsc Hill
- *Dicionário da Evangelii gaudium*, Paulo Suess
- *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*, Paulo Suess
- *Discípulos e missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade*, Benedito Beni dos Santos
- *Dom Helder Câmara: profeta para os nossos dias*, Marcelo Barros
- *Dom Helder Câmara: um modelo de esperança*, Martinho Condini
- *Encontro com Cristo: vencer medos, viver de esperança*, Bruno Carneiro Lira
- *Espiritualidade do padre diocesano*, Humberto Robson de Carvalho; Fernando Lorenz
- *Evangelho e instituição*, Marcelo Barros
- *Felicidade e a realização humana no trabalho (A): elementos fundamentais à luz da Doutrina Social da Igreja*, Anderson Francisco Faenello
- *“Fomos a um Concílio”: a surpresa do Vaticano II*, José Marins
- *Grandes metas do papa Francisco: homenagem aos seus 80 anos de idade*, Cláudio Hummes
- *Igreja do futuro e o futuro da Igreja (A): perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio*, Agenor Brighenti
- *Igreja: comunhão, participação, missão*, João Panazzolo
- *Impulsos e intervenções: atualidade da missão*, Paulo Suess
- *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, Cesar Kuzma
- *Noites de um profeta (As): dom Helder Câmara no Vaticano II*, José de Broucker
- *Nunca pare de sonhar: o sonho do presbítero que ama Jesus e sua Igreja*, Jesús Benedito dos Santos
- *Ovelha ou protagonista? A Igreja e a nova autonomia do laicato do século XXI*, Renold Blank
- *Para compreender o documento de Aparecida: o pré-texto, o con-texto e o texto*, Agenor Brighenti
- *Paróquia missionária: projeto de evangelização e missão paroquial na cidade*, Humberto Robson de Carvalho
- *Por uma paróquia missionária à luz de Aparecida*, Gelson Luiz Mikuszka
- *Sujeitos no mundo e na Igreja*, João Décio Passos (org.)
- *Unidade da Igreja (A): ensaio de eclesiologia ecumênica*, Elias Wolff

LEOMAR ANTÔNIO BRUSTOLIN  
LEANDRO LUIS BEDIN FONTANA  
(Organizadores)

CULTURA URBANA:  
PORTA PARA O EVANGELHO  
A CONVERSÃO PASTORAL  
COMO CHAVE PARA A  
EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Capa: *Pe. Otávio Ferreira Antunes*  
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades / Leomar Antônio Brustolin, Leandro Luis Bedin Fontana, (organizadores). — São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Comunidade e missão. Vários autores.

ISBN 978-85-349-4704-6

1. Evangelização 2. Teologia pastoral I. Brustolin, Leomar Antônio. II. Fontana, Leandro Luis Bedin. III. Série.

18-13759

CDD-253.7

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Pastoral urbana: Evangelização: Cristianismo 253.7



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

**paulus.com.br/cadastro**

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627  
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4704-6

# APRESENTAÇÃO

LEANDRO LUIS BEDIN FONTANA

Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo (Ap 3,20).

Tradicionalmente, a interpretação desse versículo do Livro do Apocalipse tem servido, predominantemente, à piedade pessoal. Lembra a cada cristão que o Cristo, Senhor da história, digna-se a bater à sua porta e pedir hospedagem. Enaltece a liberdade humana e a autonomia da decisão pessoal, de tal modo a causar impressão nos ouvintes. É possível, de fato, que se trate de um texto com fins litúrgicos ou, ao menos, com uma alusão à liturgia. De qualquer modo, ouve-se aqui um apelo urgente à conversão pessoal e a uma adesão mais firme na fé: “Recobra, pois, o fervor e converte-te!” (Ap 3,19b).

Esse chamamento não perdeu, decerto, a sua relevância e o caráter de urgência na situação eclesial atual. Contudo, o contexto pastoral atual parece levantar uma série de perguntas que precisam ser discutidas e respondidas. Uma delas, e talvez a mais decisiva, é como atingir as pessoas, sensibilizando-as para a escuta da Palavra. Pergunta-se, em última análise, pela própria porta. Onde pode Cristo, hoje, através da ação pastoral, bater? O que nos permite o acesso aos recônditos mais secretos do ser humano contemporâneo?

Não há dúvidas de que esses recônditos têm-se tornado sempre mais secretos e de difícil acesso. Não se trata de uma simples porta. O contato direto é dificultado. A mensagem de Cristo precisa, hoje, agendar visitas, convencer porteiros e vigias, passar por portões, alarmes e cercas elétricas, atravessar

portas intermediárias e estar atenta para não perder-se nos labirintos de certos edifícios ou condomínios. Essas imagens são, certamente, platitudes, mas podem ajudar a compreender as dimensões da complexidade que é, nos dias atuais, estabelecer contato com as pessoas.

Há, no entanto, estudos que começam a identificar a grande porta de acesso ao ser humano contemporâneo. Apoiando-se no *Documento de Aparecida*, da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, o teólogo pastoralista Benjamín Bravo aponta para a cultura como sendo a grande “porta de entrada” ao contexto urbano e, nele, ao ser humano cidadão. Segundo ele, a urbe exerce sobre seus habitantes um poder quase que mágico, pois acorda neles todos os seus sentidos (seção 5.7), abre o ser humano para a vida e para si mesmo. É, portanto, usando-se de uma “linguagem urbana” que o anúncio da Igreja tem uma chance de entrar na vida das pessoas. É passando através da porta da cultura urbana que o acesso à casa e à vida das pessoas pode ser possibilitado.

O diálogo com as culturas é, portanto, talvez mais do que em outros tempos, um imperativo na missão da Igreja, embora esse esforço já tenha iniciado há mais anos. Foi o Concílio Vaticano II (1962-1965) que marcou, na história da Igreja Católica, a aurora de uma nova forma de se conceber a relação Igreja-mundo. Consequentemente, sua máxima fundamental tem sido a busca do diálogo com o “mundo atual” – uma expressão muito recorrente em seus documentos. É nesse sentido que, na visão do teólogo Joel Portela Amado, inspirado pela teologia conciliar, a grande oportunidade da Igreja de recuperar o seu papel-chave no serviço à humanidade no contexto urbano atual de evangelização é, de fato, “servindo à vida”, e assumindo uma atitude essencialmente dialógica (cf. seção 8.8).

Como não poderia ser diferente, tal mudança é sempre precedida e acompanhada por uma nova autocompreensão.

Dado que, a partir do Concílio, a Igreja passa a autocompreender-se não mais como uma instituição autossuficiente ou completamente independente do mundo (*societas perfecta*), mas como parte dele integrante, ela dispõe-se a reconhecer o que os Padres Conciliares denominaram, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, a “justa autonomia das realidades terrestres” (n. 36).

No entanto, reconhecer que a criação inteira, em si, é boa (Gn 1,31) e dotada de uma dignidade, autonomia e liberdade que lhe são próprias e inalienáveis e, além disso, entender que a relação dialética com o mundo não pode ser apenas *ratione peccati*, isto é, em razão do pecado a que toda a criação está sujeita, têm importantes consequências, seja para o discurso teológico, seja para a ação pastoral. A Igreja deu-se conta de que não mais podia valer-se de um discurso meramente moralista ou, o que é ainda pior, integralista, como recorda o teólogo alemão Karl Rahner, fazendo referência à pretensão da Igreja de querer abarcar a totalidade da realidade do mundo, através de seu ensinamento. Para tanto, a Igreja precisou repensar a natureza de sua autoridade, bem como o seu papel específico em meio a uma sociedade marcada por valores como democracia, pluralismo, autonomia, liberdade individual etc. – o que ela de fato tem feito, ora com maior êxito, ora com menor, tanto durante o Concílio como posteriormente, através do Magistério.

Não é, pois, sem boas razões que o Papa Francisco, em seu esforço hermenêutico de interpretação do Concílio, à luz do Evangelho, tem insistido no encorajamento para uma Igreja “em saída” (*Evangelii Gaudium*, n. 20-23), para uma Igreja que vá ao mundo ao encontro de todos, sem exclusão. Embora esse apelo do Papa não pareça, à primeira vista, ser portador de novidade alguma, dado que o “Ide a todos os povos [...]” de Mt 28,19 já alicerça a atividade missionária da Igreja há mais tempo, impressiona a forma como o Papa

compreende a mensagem a ser levada às pessoas. Distanciado de uma antropologia de caráter um tanto pessimista, que caracterizou a teologia e a ação pastoral da Igreja por séculos, Francisco compreende a essência da atividade missionária da Igreja como sendo a de levar às pessoas uma mensagem de alegria e esperança, por mais desesperadoras que sejam as circunstâncias nas quais se encontram. Uma mensagem que não se reduz ao anúncio, mas que é acompanhada por gestos concretos e simbólicos de misericórdia e solidariedade, que dão credibilidade à mensagem proclamada, enchendo-a, assim, de significado e impedindo que essa não passe, simplesmente, de palavras vazias.

Contudo, abrir mão dessa antropologia, que gerou e nutriu uma teologia correspondente, implica, num primeiro momento, abraçar incondicionalmente a cultura, a corporeidade, a humanidade, o ser humano e todas as suas obras, que são a “porta de entrada” para o diálogo com o mundo. Faz-se mister, para tal atitude, perder o medo de aproximar-se das pessoas de outras formas e com outras mediações comunicativas, como bem nos recorda Benjamín Bravo em seu texto (seção 5.5). Ou, nas palavras do Papa Francisco, o medo de “sujar as mãos”, que pode muito bem ocorrer quando se vai ao encontro do outro e, especialmente, quando se faz o bem.

Este encontro com a cultura, com as sociedades contemporâneas complexas, com a vida das pessoas tal como é e nos apresenta, não é, todavia, um aventurar-se ingênuo de quem não tem planos, pretensões ou mesmo conhecimento de causa ou da realidade na qual se quer implicar. Exige, antes, conhecimento profundo da conjuntura atual, das questões em jogo no cenário internacional, das causas da injustiça e da pobreza, das novas divisões sociais e formas de opressão, das estruturas antropológicas do ser humano contemporâneo e, sobretudo, das possibilidades de tocar o coração humano através da mensagem cristã ou do discurso sobre Deus.



Ora, a compreensão dessas questões complexas não se dá senão através de estudos abrangentes, debates sérios e, o que é decisivo, muito amor pastoral. Com vistas, pois, a dar conta dessas temáticas, o Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) promoveu, de 9 a 11 de novembro de 2016, o Simpósio de Teologia Pastoral, cujo tema abordado foi “Cultura Urbana e Conversão Pastoral”. Tendo reunido especialistas em diversas das áreas acima mencionadas, proporcionou um espaço interdisciplinar de reflexão acerca dos elementos fundamentais da assim chamada cultura urbana contemporânea, que parece determinar a mentalidade, o comportamento e mesmo o quadro referencial das pessoas de nossos dias. E, de fato, a grande maioria dos textos contidos no presente volume é fruto da revisão e ampliação das conferências do simpósio em base às discussões lá realizadas.

Não é por acaso, portanto, que, numa obra que se propõe pensar a ação pastoral e evangelizadora da Igreja no cenário atual, o tópico da cultura urbana continue ocupando, qual no simpósio, o centro da reflexão. Em última análise, não há como perscrutar o íntimo do homem e da mulher de nossos dias, compreender seus dramas e alegrias, senão através da assim chamada cultura urbana. E para tal, uma análise do modelo vigente de cidade é imprescindível. A marcante ambiguidade das nossas grandes metrópoles deve, por certo, ocupar o interesse da Igreja e de seus agentes pastorais. Se, por um lado, a urbe é o palco de grandes transformações em âmbito cultural, social e antropológico, e segue atraindo grandes massas, em razão das oportunidades que gera, ela é, por outro lado, ela mesma, em função do modelo de cidade pelo qual se tem optado, uma importante causa das gritantes desigualdades e exclusões que a ação pastoral tenta combater.

Por essa razão, o urbanista Marcos Diligenti, ao denunciar tal modelo de urbanidade regido pelos interesses do

mercado imobiliário e pela espetacularização da vida, chama atenção para “[...] o papel conscientizador da Igreja, que, ao lado dos excluídos, ‘denuncia para anunciar’ novas possibilidades” (p. 28, seção 1.5). Concebe, assim, a ação pastoral e as iniciativas civis em prol da cidadania como “[...] elemento catalizador de processos capazes de transformar as cidades e as vidas daqueles que as habitam”. Pois a cidade é um lugar, um espaço que precisa ser construído e deve ser, fundamentalmente, um espaço de vida. “Resgatar a função da urbanidade como sociabilidade e convívio fraterno é um desafio de grande proporção para a ação pastoral” (p. 28). Como bem observa Marcos, os problemas das cidades não poderão ser resolvidos artificialmente, mediante a superação do déficit de moradias. Tampouco é essa uma tarefa reservada a tecnocratas que simplesmente ignoram a miríade cultural, as barreiras sociais e a falta de sentido e dignidade presentes em grande parte dos conjuntos habitacionais de nossas cidades. O déficit que temos é de cidade, não de moradia.

Na opinião do teólogo e pastoralista Benjamín Bravo, isso é um sinal claro da fragilidade do paradigma racionalista, que continua exercendo enorme influência sobre o nosso modo de pensar e conceber a realidade. Por isso, em sua instigante abordagem do termo cultura, nos adverte para os perigos de um projeto de transformação social fundado num otimismo racional ingênuo que aposta, para causar impactos sociais e mudanças, primariamente, em análises sociais abrangentes. “Não se transforma a cultura simplesmente pensando” (p. 120), afirma ele, citando A. Crouch. No contexto atual, não se pode continuar iludindo-se de que seja possível tocar as pessoas “existencialmente”, valendo-se tão somente de um discurso racional e verbal. O discurso racional é incapaz de motivar a vontade e é muito improvável que conduza à bondade, virtude de que nossa sociedade tanto carece. Faz-se necessário perscrutar os mundos e linguagens codificados nas manifestações

da cultura e na organização da urbe com os ouvidos bem aguçados, com olhos atentos, com o olfato apurado, com paladar fino, com tato sensível, enfim, com todos os sentidos. A razão, sozinha, não consegue abarcar a complexidade desses mundos, dessas “cidades” paralelas coabitando, simultaneamente, na grande urbe. Desconhecer esses discursos alternativos significa comprometer o próprio anúncio da Boa Notícia às pessoas que fazem parte desses mundos.

Uma prova da ineficácia do modelo de interpretação da realidade e gestor de urbanidade exclusivamente analítico e tecnocrata pode ser encontrada no texto do teólogo Erico J. Hammes. Nas entrelinhas de seu texto, parece clara a constatação de que, realmente, os alarmantes dados estatísticos sobre a violência (urbana) não causam o impacto que deveriam causar. Fatores determinantes para a vida cidadina, tais como índices de criminalidade, desigualdade social, distribuição da renda etc., são tratados e, geralmente, interpretados meramente como dados estatísticos, assim como outros tantos. O que não se nota é o fato de esses mesmos fatores gerarem uma espiral de violência, que produz efeitos devastadores para as cidades. Por isso, o texto do prof. Erico, ao final do livro, constitui uma espécie de apelo aos(as) agentes de pastoral a tomarem consciência da realidade da violência que assalta assustadoramente as cidades latino-americanas e, particularmente, as brasileiras. Ele constata que as cidades latino-americanas têm se transformado, lamentavelmente, cada vez mais, num “[...] território de violência quase generalizada, já não tanto de guerrilha, mas de criminalidade” (seção 11.2). Daí a necessidade urgente do comprometimento dos(das) agentes de pastoral e pessoas de boa vontade com uma cultura de paz, preocupada em superar toda e qualquer forma de violência e construir criativamente a paz. A grande questão permanece sendo como tocar as pessoas e autoridades para essa realidade da qual muitas cidades, ou partes delas, são reféns.

Realmente, não se trata, aqui, de demonizar a cidade ou a cultura urbana, tampouco de demarcar sobremaneira a diferença entre a “cidade de Deus” e a “cidade dos homens”. No final das contas, mesmo teologicamente, a cidade permanece sendo, validamente, a imagem da unidade, do encontro e do convívio entre as pessoas. Por isso, os teólogos Leomar Brustolin (seção 6.5), Luiz Carlos Susin (seção 4.3.4), Vitor Feller (9.3) e Benjamín Bravo (7.2) resgatam a imagem bíblica da “Nova Jerusalém”, sinal do Reino escatológico de Deus, cujo significado teológico, nas palavras de Leomar, remete à restauração “das relações de justiça e paz”. Para tal, porém, há que se trabalhar para que a organização e a estrutura da urbe propiciem o encontro, a partilha e a apreciação da diversidade.

No entanto, atribuir à cidade um valor positivo no projeto de Deus para a humanidade não significa idealizá-la excessivamente, tampouco lançar mão de equiparações simplistas para elucidar o fenômeno urbano. Vale aqui a advertência da antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha para que não se caia numa tentação muito comum, inclusive entre agentes pastorais, de comparar o mundo citadino com o rural, idealizando o segundo em detrimento do primeiro (p. 33). Afinal de contas, retratar o cenário rural e os tempos passados como tendo sido um mar de rosas, marcados pelo cultivo dos valores tradicionais, e a vida urbana como o lugar da decadência, da solidão, da atomização, do anonimato etc., além de ser demasiado simplista, não ajuda a compreender a complexidade que a chamada cultura urbana representa para a vida concreta de cidadãos contemporâneos.

Por essa razão, tanto Ana Luiza (seção 2.1) como Manfredo Araújo de Oliveira (seção 3.1) dedicam uma parte significativa de seus textos a uma análise aprofundada das sociedades contemporâneas complexas. Em suas análises, ambos destacam dois aspectos a serem considerados em nossa reflexão, entre outros. Primeiramente, ambos chamam atenção para o

caráter histórico da formação de nossas cidades e sociedades, no horizonte do processo civilizatório ocidental. As cidades, tais como existem hoje, longe de serem a culminância de um processo civilizatório “natural” e pacífico, visão que advém de uma perspectiva progressista da história, foram, ao contrário, forjadas a ferro e fogo para se tornarem o que são hoje. Dito em outras palavras, e ao contrário do que muitos sustentam, não foi por falta de modelos alternativos que elas se tornaram o que são, mas para servirem a determinados projetos e interesses, ora a serviço das pessoas que nelas habitam, ora nem tanto.

O segundo aspecto que constatam é um “vácuo ético” (p. 54), que poderia ser preenchido pela religião através do trabalho pastoral. De fato, encontrar orientações éticas num mundo carente de valores e pleno de ofertas de sentido pode ser, para muitas pessoas, um grande patrimônio existencial que se pode reverter em benefícios tanto para os indivíduos em particular como para a sociedade em seu todo. O que é preciso levar em conta, no entanto, segundo Ana Luiza, é que a proposta de valores éticos e a própria ação evangelizadora não podem “passar por cima” das trajetórias sociais e existências dos diferentes indivíduos e/ou grupos no meio urbano. Seus distintos estilos de vida e visões de mundo são fruto de determinados percursos existenciais e fluxos geracionais que marcam tanto a conduta como o universo simbólico dessas pessoas, e não podem como tais ser logo interpretadas, sem maiores distinções, como leviandade, imoralidade ou pecado.

Para o filósofo Manfredo, contudo, o comprometimento com a ética não representa nem a única nem a mais importante tarefa da religião na sociedade contemporânea. Para ele, sua mais nobre tarefa é oferecer ao crente uma visão abrangente da totalidade do real, remetendo-o, assim, à dimensão absoluta do Ser e possibilitando-lhe uma “experiência onibrangente” da existência humana (p. 81), o que, infelizmente, salvo raras exceções, não é o que se observa no cenário atual. Portanto,

diversamente do que profetizavam os cétricos da religião, há, sim, espaço para a religião em nossas sociedades, mesmo em sua esfera pública.

Contudo, o fato de se poder constatar um vácuo em termos de ética, de moralidade e de sentido não garante, já, por si só, o lugar da religião e da Igreja na sociedade. Nesse contexto, duas parecem ser as questões centrais a serem consideradas – que, aliás, já vêm sendo objeto de reflexão em ambientes eclesiais e teológicos há mais tempo. Primeiramente, como atrair as pessoas ou “tocá-las existencialmente” (Rahner) em meio aos ruídos urbanos cotidianos de buzinas de carros, trabalho exaustivo, anúncios de *marketing*, multiformes e infundas promessas de felicidade etc. A segunda questão, não mais nem menos importante, é o que dizer a essas pessoas, ou, em palavras mais técnicas, qual é o conteúdo a ser anunciado. A essas duas questões dedicam-se, de modo um pouco mais particular, a cientista da comunicação Joana Puntel e o teólogo Vitor Feller. Ao passo que Joana ocupa-se mais especificamente com as novas metodologias de transmissão de conteúdo, e mesmo com os novos paradigmas da comunicação, o que gera, obviamente, profundas consequências para a Igreja, Vitor confere ênfase particular ao conteúdo da evangelização, que ele contrapõe aos métodos (seção 9.1).

Essa aparente dissonância entre os dois textos é particularmente positiva para o presente volume, pois desvela a necessidade de aproximarmos-nos desse antigo debate (conteúdo x métodos) com um olhar renovado, tal como os próprios autores tentam fazer, embora através de diferentes percursos. Uma importante pista para a superação dessa dicotomia talvez nos tenha sido dada pelo próprio Papa Francisco, na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*, que aponta a misericórdia não apenas como conteúdo essencial do anúncio, mas também, necessariamente, como *modus vivendi et operandi* da própria Igreja (n. 10 e

12), de forma a garantir a credibilidade de seu anúncio e do conteúdo nele encerrado. É preciso, pois, encontrar formas de conduzir esses dois aspectos essenciais da fé cristã (conteúdo e forma) a uma harmonia sempre maior. Essa reflexão não isenta, todavia, a Igreja de adequar o seu anúncio às novas formas e paradigmas da comunicação, como já o tem feito em seu esforço de atingir, com sua mensagem, o maior número de pessoas possível.

Não obstante essas iniciativas, a ação evangelizadora da Igreja não pode mais incorrer no equívoco de querer atingir o maior número possível de pessoas com uma mensagem única. Não ao acaso, a mudança de paradigma proposta por Joana Puntel, isto é, a passagem de um modelo de transmissão unilinear (unidirecional) e de massa para um paradigma de maior interatividade e personalização – mesmo no mundo do *marketing*, o segredo é a famosa *customization* – é confirmada e reafirmada nos estudos de Benjamín Bravo e outros pensadores contemporâneos. Sem ter, primeiro, tocado os mundos existenciais dos interlocutores, sem ter escutado suas histórias e visto suas condições, sem ter sentido seus dramas com o próprio coração, não há como dirigir-lhes uma *palavra de sentido*, por mais correta ou verdadeira que seja. Há situações em que (certas) palavras não fazem sentido algum. Há outras em que obras, ações ou sinais nada mais fazem do que afastar as pessoas de Deus e do essencial (cf. seção 7.2.1). Há, portanto, que discernir! Onde, porém, nos vêm os critérios para tal julgamento?

Aqui parece pertinente remeter à crítica de Vitor Feller ao modelo de evangelização que tem marcado a atividade da Igreja por séculos, que encontra ressonância também no texto de Leomar Brustolin. Nele, o foco da atividade missionária tem sido colocado demasiadamente no destinatário da Boa Notícia, e pouco no agente, nos próprios cristãos. Enquanto distraímos-nos planejando o que poderia ser bom para os outros, sem

moral e valores cristãos, esquecemo-nos, talvez, de viver a própria fé de forma mais radical e profunda (seção 9.3). Mais do que nunca, faz-se necessária a assim chamada “conversão pastoral”, que nada mais representa que o deslocamento da ênfase quase exclusiva do destinatário para o agente, para a vivência da fé de cada cristão batizado. Assim sendo, a noção de conversão pastoral pode, de fato, congregar e recuperar três aspectos essenciais do cristianismo: o seguimento a Jesus Cristo (cf. seção 6.5), a vida espiritual (seção 9.3) e o testemunho (seção 8.8). Repensar toda a ação pastoral da Igreja à luz dessas categorias, que remontam às práticas da Igreja Primitiva *mystagogia*, *leitourgia*, *diakonia*, *koinonia* e *martyria*, é, certamente, muito inspirador e eficaz.

A conversão pastoral apresenta-se, assim, como a grande chave de acesso à porta da cultura urbana e intercâmbio com o ser humano cidadão. A partir dessa perspectiva, o lugar da evangelização não se reduz, primária e exclusivamente, ao púlpito, mas expande-se para os centros e as periferias geográficas e existenciais das grandes e pequenas cidades, para o mundo do trabalho, para a vida concreta. E a atitude de docilidade à ação e inspiração do Espírito Santo, fruto da conversão pastoral, há de ajudar os cristãos a buscarem o contato com todos os homens e mulheres e serem, nesse encontro, nada mais do que aquilo que são: filhos amados de Deus, sal, luz e fermento na massa. No encontro com o desconhecido, perde-se o controle da situação: uma chance para Deus agir. Através de nós, mas não exclusivamente. A chave. E se abrirem, Deus poderá entrar e cear com eles.

.  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .